



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
cerimônia do mercado de capitais e financeiro em sua homenagem, em  
virtude da obtenção do grau de investimento pelo Brasil**

**São Paulo - SP, 16 de junho de 2008**

Meu caro companheiro ministro da Fazenda, Guido Mantega,

Meu caro companheiro ministro do Desenvolvimento, Indústria e  
Comércio Exterior, Miguel Jorge,

Meu caro companheiro presidente do Banco Central, Henrique Meirelles,

Meu caro prefeito de São Paulo, Gilberto Kassab,

Meu caro Gilberto Mifano, presidente do Conselho de Administração da  
BM&F Bovespa,

Meu caro Edemir Pinto, diretor-presidente da BM&F Bovespa,

Meu caro Raymundo Magliano Filho, ex-presidente da Bovespa,

Meu caro Manoel Felix Cintra Neto, ex-presidente da BM&F,

Senhoras e senhores conselheiros da BM&F Bovespa,

Meu caro amigo Salim, ex-conselheiro da Bovespa,

Meu caro companheiro Roberto Rodrigues, ex-ministro da Agricultura e  
também conselheiro da Bovespa,

Meu caro companheiro Veloso,

Amigos da imprensa,

É com muita honra e com muita alegria que recebo esta homenagem  
aqui na Bolsa de Valores de São Paulo. A conquista do grau de investimento é  
um marco histórico para a nossa economia e para todo o Brasil, e resulta de  
uma construção coletiva que transcende o governo ou uma política econômica  
específica. Vivemos um grande momento econômico graças a uma série de  
esforços dos mais variados setores da sociedade que lutam para vencer o



desafio do desenvolvimento sustentado, com crescimento econômico e distribuição de renda.

O mercado de capitais, é claro, tem uma função primordial nesta fase de nossa história e seus números são uma clara mostra deste dinamismo. O volume das ofertas públicas no mercado de capitais aumentou de 22 bilhões (de reais) – o Guido já falou isso – para 174 bilhões, e nós trabalhamos com a hipótese de que chegaremos a 200 bilhões (de reais) até o final do ano. Um número cada vez maior de empresas adere ao novo mercado, e o financiamento de longo prazo, que em muito tempo foi concentrado em recursos públicos, especialmente do BNDES, já tem hoje, no setor privado, a sua principal fonte. Estou convencido de que a participação do setor privado deve aumentar ainda mais. Esse é o desafio que nós, governo e setor privado, teremos nos próximos anos.

A Bovespa se configura como um agente central para o desenvolvimento do nosso mercado de capitais, e eu gostaria de aproveitar este momento para reconhecer o grande trabalho que vocês estão fazendo no nosso País. O Brasil precisa da Bovespa e a Bovespa precisa do Brasil, especialmente agora, quando o sucesso do nosso novo modelo de desenvolvimento implica mais investimentos externos aqui e mais investimentos brasileiros no exterior. A fusão da Bovespa com a BM&F criou um gigante nacional pelo qual boa parte desses investimentos transitará, e que pode e deve aumentar o papel do Brasil como o maior centro financeiro da nossa querida América Latina.

Nós sabemos que a recém-criada BM&F Bovespa representa a terceira maior Bolsa do mundo e a segunda das Américas, tudo isso em valor de mercado, e é responsável por 80% do volume negociado no mercado de ações da América Latina. Além disso, temos recursos humanos altamente qualificados, capazes de rivalizar com centros de destaque, como Londres e Nova Iorque. Temos, também, estabilidade econômica e institucional para atrair e intermediar cada vez mais investimentos e operações financeiras



internacionais. Existe muito ainda a ser feito na área de regulação e tributação, e o nosso desafio é trabalharmos juntos para que o desenvolvimento financeiro ande ao lado do desenvolvimento econômico e social nos próximos anos.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu tenho certeza de que é possível conciliar o progresso do mercado financeiro com a melhora na vida de todos os brasileiros. Nós já estamos demonstrando que isso é possível e, portanto, vamos continuar trabalhando juntos para aprofundar nossas conquistas.

O crescimento da economia saiu de 3,8% em 2006, para 5,4% em 2007. No 1º trimestre, chegamos a 5,8% podendo chegar a ter uma média de crescimento por volta de 5% em 2008. Mais importante, a aceleração do crescimento ocorreu com inclusão social, isto é, com aumento do emprego e dos salários, com redução da pobreza e com a ascensão social de milhões de brasileiros.

Eu sempre disse que uma das maiores vantagens econômicas do Brasil é o potencial de expansão do nosso mercado interno, pois ele possibilita a criação de um círculo virtuoso de aumento na renda, crescimento da demanda, ganhos de produtividade e expansão do investimento.

Nos últimos anos nós transformamos esse potencial em realidade. Pesquisas de vários institutos apontam que, nos anos de 2006 e 2007, aproximadamente 23 milhões de pessoas saíram da pobreza. Em outras palavras, essas pessoas, que antes sobreviviam com uma renda mensal próxima a 500 reais, conquistaram empregos melhores com salários de 1.000 ou de 1.500 reais.

As bases desse novo modelo de desenvolvimento foram construídas nos últimos anos através da estabilização macroeconômica, da redução da fragilidade fiscal e externa de nossa economia e, principalmente, do investimento público na construção de um estado de bem-estar social.

O programa Bolsa Família e a nossa política de recuperação do valor do



salário mínimo foram importantes não só para melhorar a vida de milhões de brasileiros e brasileiras, mas também para dar impulso ao atual ciclo de crescimento da nossa economia.

O aumento no mercado interno levou ao aumento da produção, do investimento e da produtividade, criando o círculo virtuoso que nós estamos vivendo. Para sustentar e aprofundar ainda mais esse novo modelo de desenvolvimento, em 2007 nós lançamos o Programa de Aceleração do Crescimento. O PAC combina um conjunto expressivo de investimentos em infra-estrutura com desonerações tributárias e melhoras institucionais no ambiente de negócios, e transforma o País em um verdadeiro canteiro de obras que vão da logística de transporte ao saneamento e habitação.

Ao colocar o aumento do investimento em infra-estrutura como prioridade da política econômica, o PAC representou uma mudança na agenda dessa política. Há muito tempo o Brasil não experimentava uma iniciativa de tal porte, que já se reflete nos indicadores do nosso desenvolvimento.

Desde 2006, a taxa anual de investimentos aumentou em 1,5% do PIB, isto é, saímos de 16,5% para 18% e queremos, quem sabe até 2010, chegar a 21%. Aliás, está no nosso Programa de Desenvolvimento (inaudível).

O investimento em construção civil decolou, crescendo 8,8% no 1º trimestre de 2008, ante o mesmo trimestre do ano anterior. Durante o mesmo período, os investimentos em máquinas e equipamentos cresceu 20,4%.

E, como atestam os resultados dos últimos leilões nas áreas de rodovias e geração de energia elétrica, o novo modelo de atuação do Estado, via concessões, provou ser um sucesso. Não apenas nas rodovias, mas nas duas hidrelétricas do rio Madeira, quando se discutia, no começo do ano, que o megawatt/hora não seria inferior a 116 reais, nenhum deles chegou sequer a 90 reais – um ganhou com 79,8 e o outro com 71,3 –, em uma demonstração de que a livre concorrência faz com que o povo seja o grande vencedor dessas concessões.



Estamos, portanto, em uma fase de aumento do investimento. Como eu já disse, nossa taxa de investimento atingiu 18% do PIB e nós vamos chegar aos 21%, segundo o compromisso do companheiro Miguel Jorge, no lançamento do Programa de Desenvolvimento Produtivo.

À medida que um país cresce e o investimento aumenta, cresce também a demanda por financiamento de longo prazo. E a via é de mão dupla, pois a maior oferta de financiamento de longo prazo também viabiliza mais investimentos, sobretudo investimentos em grandes projetos, o que acaba por reforçar ainda mais o crescimento da economia.

Minhas amigas e meus amigos,

Os sucessos recentes aumentaram ainda mais nossa responsabilidade, sobretudo em um momento em que a economia mundial vive um período de grandes choques e incertezas. De um lado, a recente elevação do preço do petróleo, que já está sendo chamada por alguns de o "terceiro choque do petróleo". De outro, uma maior demanda mundial, o encarecimento dos fertilizantes, as condições climáticas adversas e a especulação geraram um grande aumento também nos preços dos alimentos. Tudo isso veio junto com um aumento substancial nos preços dos produtos minerais, com destaque para o ferro e para o carvão, o que acaba provocando impacto no preço internacional.

Os últimos choques externos nos colocam um grande desafio, pois eles pressionam a inflação brasileira para cima, via contaminação dos preços internos pela elevação dos preços internacionais. Em momentos como o atual é preciso ter muito cuidado para lidar com os problemas de curto prazo sem comprometer as conquistas de longo prazo que todos nós conseguimos construir neste País. E é por isso mesmo que o controle da inflação continuará sendo prioridade do meu governo. E, como vocês sabem, temos instrumentos, conhecimento e experiência suficientes para enfrentar com êxito este que é o nosso maior desafio econômico de curto prazo. Vamos controlar a inflação,



porém mantendo o crescimento sustentável.

Pela minha própria história pessoal, eu sei como a inflação é ruim para os mais pobres. Eu sei como é ruim aquela situação de incerteza e corrosão dos salários quando a inflação sobe. E mesmo que a origem dos choques adversos de preços seja basicamente externa, nós temos que evitar que aumentos temporários se transformem em uma elevação permanente da inflação.

Faço questão de ressaltar algumas de nossas ações nos últimos meses. Desde o final do ano passado, o gasto primário do governo federal cresceu menos do que a economia. A política fiscal já contribui para a manutenção da estabilidade macroeconômica. Em maio, para consolidar ainda mais esse compromisso, anunciamos uma elevação temporária da meta de superávit – eu tinha pedido para criar um fundo soberano e o Guido terminou criando um aumento do superávit primário –, o que fortalecerá ainda mais nossa capacidade de resistir a choques adversos. Também aumentamos o IOF sobre algumas operações de crédito, para coibir excessos que possam colocar a estabilidade macroeconômica em risco. Elevamos também o compulsório sobre operações de leasing, de modo a garantir uma expansão sustentável do crédito.

Mais recentemente, reduzimos a tributação e liberalizamos a importação de trigo. O grão, assim como a farinha de trigo e o pão francês, foram desonerados do PIS-Cofins. Nós também reduzimos a Cide sobre a gasolina e o óleo diesel, de modo a atenuar a volatilidade dos preços internos dos combustíveis, diante das grandes flutuações e incertezas quanto à evolução dos preços internacionais do petróleo. E o Banco Central continua administrando a política monetária, de modo a garantir que a inflação se mantenha dentro do intervalo especificado pelo governo, e que eventuais desvios pontuais sejam corrigidos o mais rápido possível sem prejudicar o ritmo sustentável de expansão da nossa economia.



Olhando além das atuais turbulências, eu tenho confiança que o Brasil pode atravessar a atual onda inflacionária mundial e continuar no rumo do desenvolvimento econômico e social para todos. E esta confiança está assentada em bases muito consistentes, como os senhores e as senhoras também podem constatar.

Estamos posicionados favoravelmente para aproveitar o aumento da demanda mundial por alimentos e combustíveis. Temos uma base industrial diversificada. Contamos com uma mão-de-obra versátil, cujo nível de instrução está aumentando a cada ano. Temos grandes ganhos de produtividade ainda a serem explorados, tanto na agricultura quanto na indústria e nos serviços.

O grau de investimento que nos foi atribuído recentemente representa para todo o mundo um importante atestado da solidez da economia brasileira e renova nossa própria confiança na maturidade e no dinamismo do Brasil.

Em 2006, após o resultado das eleições, alguns analistas mais exaltados chegaram a dizer que o País não merecia crescer, que haveria crise fiscal, que não chegaríamos ao grau de investimento antes de 2010, e outras coisas do gênero que a gente lê e ouve todos os dias. Como seria bom se os nossos analistas dessem grau de investimento para o Brasil. Aí, quem sabe, nós teríamos muito mais força do que já temos.

Vocês também sabem que sempre haverá gente torcendo contra. Quanto maior o sucesso, maior a intensidade das críticas daqueles que hoje não têm nada a dizer. Eu acho que os fatos falam por si mesmos, e a verdade é que o nosso País mudou de patamar: conquistou um grau de solidez que lhe permite não apenas atravessar turbulências, mas tornar-se ainda mais forte e competitivo ao enfrentá-las. A todos vocês, que ajudaram a construir esta nova realidade, os meus mais profundos parabéns.

Meus amigos,

Eu não poderia deixar de dizer duas palavras que eu acho importantes. Primeiro, da honra de estar aqui. Eu penso que a minha vinda à Bolsa de



Valores prova não apenas a mudança no patamar da política macroeconômica do Brasil, mas prova também o avanço político da nossa sociedade. Nós estamos provando que um presidente da República pode, no mesmo mês, receber um boné dos dirigentes sindicais e colocar na cabeça, receber um boné dos sem-terra e colocar na cabeça, ir a um encontro – é a primeira vez que um presidente da República, no mundo, participa – do GLBT (homossexuais, lésbicas) e colocar o chapéu deles na cabeça, e vir à Bolsa de Valores e colocar o chapéu da Bolsa de Valores na cabeça.

Quando nós falamos que um presidente da República, depois de eleito, não tem partido... a única coisa de que eu não abro mão é de time de futebol. Se bem que se o Corinthians estivesse na Bolsa, na série B, estaria dando um alto crescimento na Bolsa, e se o Brasil estivesse na Bolsa, a gente estaria hoje com o pregão em baixa. De qualquer forma, nós queremos que a derrota não mexa com a expectativa dos investidores brasileiros, porque foi uma derrota eventual.

A alegria de estar aqui também é por outra razão. Eu penso que nós encontramos aquele denominador comum para o nosso País. Todo mundo tem clareza de que nós não temos o direito de pedir que haja qualquer retrocesso neste País. Nós temos um pequeno problema, eu diria – porque eu acho que o Brasil tem solução –, que é a inflação neste instante, sobretudo sobre os alimentos. E nós temos a obrigação – quando eu digo nós, governo; nós, trabalhadores; nós, membros da Bolsa de Valores; nós, empresários brasileiros –, temos que ter o compromisso de não permitir que a inflação volte a atrapalhar o sonho de estabilidade que este País (inaudível).

A inflação não é apenas responsabilidade do Banco Central, do ministro da Fazenda, ou de um dirigente sindical. Nós sabemos quais são os instrumentos que o governo tem, e sabemos que todas as vezes que uma inflação acontece por aumento de demanda, todos os companheiros da área econômica se sentem no dever de tentar reduzir essa demanda. E isso



significa, concretamente, que a gente está vendo que uma perspectiva de crescimento que começou com 5,8%, pode chegar a 5%. Isso pode ser resolvido a curto e a médio prazo, porque já tomamos a atitude de aumentar a produtividade da nossa agricultura familiar, que representa hoje 60% do alimento que consumimos neste País. Obviamente que nós não temos controle sobre os preços dos produtos internacionais, sobretudo na área de fertilizantes, de que nós dependemos muito, e sobre o petróleo, que tem uma ascendência no preço da agricultura brasileira, Roberto, de aproximadamente 30%. Logo, logo, nós estaremos tirando o nosso petróleo do pré-sal. Eu tenho dito publicamente, não faço questão de esconder, que o Brasil não quer ser um exportador de petróleo cru. Nós queremos fazer com que o Brasil aproveite o petróleo para transformá-lo em subprodutos do petróleo, para a gente ganhar investindo mais em produtos de qualidade e, ao mesmo tempo, desenvolver aqui no Brasil uma verdadeira indústria naval e uma verdadeira indústria petroleira.

Por outro lado, o desafio da agricultura... O Roberto Rodrigues, que é Conselheiro de vocês, pode nos ajudar nisso. Eu acho que a gente não deveria ver essa crise de alimentos no mundo como uma crise. A gente deveria ver como um desafio que o Brasil tem, como ninguém no mundo, condições de dar um salto de qualidade em um curto prazo de tempo. Nós estamos preparados para isso, da mesma forma que nós estamos preparados para transformar, tanto o nosso biodiesel quanto o nosso etanol, em produtos que possam ganhar no mercado internacional.

Vocês estão acompanhando a briga internacional, não é uma coisa fácil, começam a dizer uma série de coisas do Brasil. Nós estamos juntando a nossa inteligência nessa área para poder provar que temos condições de atender uma parte do mundo. Mas o mais importante é que nós queremos que a América Latina e a África possam, em parceria com terceiros países, produzir uma parte do combustível que o mundo precisa para diminuir os combustíveis



fósseis.

Os investimentos que estão acontecendo no Brasil... Eu tenho conversado muito com o Guido, com o Meirelles e com o Miguel Jorge. Nós temos que ter em conta o seguinte: parte dos investimentos... o BNDES saltou de 48 bilhões de reais, no ano passado, para 90 bilhões de reais este ano. Esse dinheiro todo investido, que hoje a grande maioria dele significa, Guido, consumo, significa demanda – porque as pessoas estão comprando ferro, fio, lâmpada, tijolo, telha, cimento –, a partir do ano que vem, parte dessa demanda se transformará em oferta e, possivelmente, a gente possa atender mais uma vez a continuidade do nosso crescimento de forma sustentável.

Meu caro Salim, eu trabalho com a hipótese de que a gente tenha pelo menos 10 anos de crescimento sustentável, pelo menos 10 anos para que a gente possa recuperar todos os males que os 20 anos de não-crescimento causaram ao nosso País.

À Bolsa de Valores, eu quero dizer que, lamentavelmente, teve gente que dizia, era importante a gente... você, Belluzzo, que é um grande estudioso, (poderia) analisar o que se dizia da Bolsa de Valores há algum tempo. Tinha gente que dizia que a Bolsa de Valores não chegaria a 20 mil pontos. Não é que dizia, escrevia que a Bolsa de Valores não chegaria. Eu não sei se essas pessoas estão lendo os seus próprios artigos, se estão mudando de opinião, para compreender que também em se tratando de mercado de capitais, o Brasil não é mais uma província, o Brasil é uma potência. E não queremos nem ser o primeiro, nem ser melhores do que ninguém. Nós queremos apenas que as pessoas reconheçam que este País faz do mercado de capitais, também, uma das molas do seu desenvolvimento.

Parabéns a todos vocês que acreditaram no Brasil, e parabéns a todos vocês que ajudaram o governo e a sociedade a fazer com que o Brasil pudesse viver este momento que estamos vivendo hoje. Os mais jovens, possivelmente, não dêem importância, mas nós, que já vivemos em um País com crescimento



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---

zero e com inflação a 80% ao mês, viver este momento que estamos vivendo, é quase chegar perto do paraíso. Mais um pouco, e nós estaremos lá.

Um abraço e muito obrigado.

(\$211A)